

# HEATHCLIFF E A CORRENTE DAS CONVENÇÕES SOCIAIS: UMA LEITURA DE *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES*

Márcio José Coutinho

## RESUMO<sup>®</sup>

Este trabalho tem por intento analisar e interpretar o romance **O Morro dos Ventos Uivantes**, de Emily Brontë, no tocante à representação de elementos ligados à atuação das convenções sociais, à ideologia e às relações de poder sobre a vida, ação e o comportamento dos personagens. Para tanto, centra-se na trajetória do protagonista, Heathcliff, enfocando o modo pelo qual, por um lado ele supera, por outro, reproduz uma ordem social opressora.

**PALAVRAS-CHAVE:** representação, convenções sociais, superação/reprodução

## INTRODUÇÃO

Falar sobre **O Morro dos Ventos Uivantes** exige considerar-se que na época em que foi produzido, a Era Vitoriana, a Inglaterra prospera muito enquanto nação comercial, industrial e imperialista, muito se enfatizam os valores morais e os padrões de comportamento, mas se esquecem os valores humanos. Neste sentido, era típico da nobreza e da burguesia vitorianas orgulharem-se do progresso do país e dos privilégios dessas classes, ignorando a existência de um segmento social desfavorecido formado por operários das fábricas e minas e por camponeses que cultivavam as terras da nobreza decadente.

Muitos autores repudiaram esse comportamento e passaram a mostrar os problemas sociais e humanos que envolviam as classes mais pobres da Inglaterra. John Ruskin, por exemplo, ressaltava que o grande teste de uma comunidade não é a quantia de riqueza, mas o tipo de povo que ela produz (Priestley; Spear, 1963, p. 257 – 258). Essa asserção pode ser um índice do protesto contra a hipocrisia e a soberba da época. (Idem, p. 259).

Remetendo à obra em questão, observa-se que muitos estudos reduzem **O Morro dos Ventos Uivantes** ao amor platônico, trágico e irrealizado de Catherine e Heathcliff. Entretanto, tento argumentar, neste trabalho, que essa obra

estende-se para além do conflito amoroso, abrangendo também um componente social que é representado nas entrelinhas do romance: Emily Brontë não era otimista com relação à sociedade em que viveu, por isso **O Morro dos Ventos Uivantes** é permeado por um sentimento romântico de descontentamento, que se evidencia pelo tom nostálgico na voz de Elen Dean, a narradora personagem ao contar a história da decadência da família Earnshaw.

Neste romance, tematiza-se a vingança de um homem sobre aqueles que o oprimiram e que lhe impediram de se casar com a mulher que amava. Em suma, **O Morro dos Ventos Uivantes** era a fazenda dos Earnshaw. Heathcliff era um menino pobre e abandonado trazido pelo senhor Earnshaw que desperta a aversão dos filhos Catherine e Hindley. Hindley então começa a maltratá-lo. Na medida em que vão crescendo, Catherine e Heathcliff se apaixonam. Com a morte do senhor Earnshaw, Hindley assume a condição de senhor e passa a oprimir Heathcliff, reduzindo-o à condição de servo. Mesmo apaixonada por Heathcliff, Catherine casa com Edgar Linton devido a sua condição financeira e status de nobre. Ao saber do casamento de Catherine, Heathcliff desaparece. Após três anos ele retorna como um cavalheiro, um *self-made man*, e passa a por em prática sua vingança.

O percurso do protagonista denuncia as falhas que ocorrem na vida do ser humano devido ao desequilíbrio entre o desejo individual e o poder das convenções sociais. Assim, a vontade e a liberdade do homem são tolhidas por um conjunto de regras e práticas que compelem alguns a aceitarem a condição que lhes é imposta para que outros desfrutem de direitos e privilégios.

De certa forma, o desejo de vingança por parte de Heathcliff e o desejo de superação das diferenças sociais é uma reação àquele sistema de poder que limita a ação do homem e a realização de sua felicidade. No entanto, as relações de poder afetam o indivíduo como um todo, tirando-lhe o sentido de viver e anulando suas forças de reação. Nesse sentido, o ser humano acaba internalizando os mecanismos sociais



institucionalizados e reproduzindo essas mesmas formas de poder.

No romance de Emily Brontë, esse aspecto de coersão social se desenvolve em três planos: primeiro, Hindley, valendo-se da diferença social que o separa de Heathcliff – a oposição nobreza-plebe, senhor-servo – submete este último aos seus desmandos; segundo, Catherine renuncia ao amor de Heathcliff e casa-se por conveniência com Edgar Linton; terceiro, Heathcliff ascende socialmente e volta para se vingar de Hindley e de Linton, e reivindicar o amor de Catherine. Como esta morre, nada mais resta, na concepção do personagem, a não ser levar ao extremo sua vingança, praticando contra o filho de Hindley opressão semelhante à que recebera, isto é, reproduzindo a ordem social contra a qual ele se insurgira.

## 1 A *desolação* do espaço como denúncia do sistema social

Pela forte ligação de Emily Brontë com a realidade social de sua época, **O Morro dos Ventos Uivantes** incorpora aspectos de ordem social. Neste sentido, a leitura do romance da autora inglesa exige considerar-se que, como afirma Antonio Candido, “a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando nele o sentimento dos valores sociais.” (MELLO E SOUZA, 2000, p. 20). De acordo com esse pressuposto, uma leitura de base sociológica de **O Morro dos Ventos Uivantes** exige que se leve em consideração a *desolação* do espaço, descrito com minúcias nas primeiras páginas do romance. Esse elemento possui como limite o antigo casarão da família Earnshaw e remete tanto ao espaço externo quanto interno do casarão. No primeiro caso, tem-se os morros que deixam à mostra pedras nuas, a neve, o vento que assobia como um fantasma e os caminhos que, na escuridão da noite, oferecem o perigo constante de perder-se a quem se aventurar a percorrê-los. No segundo caso, o ambiente sombrio, a escuridade da própria casa, a rudeza das paredes de pedra e das portas de madeira. O casarão com os alicerces cravados na terra, tão sólido que nem mesmo o vento é capaz de fazer ruir, pode simbolizar uma estrutura de poder tão rígida,

fixada nas instituições e arraigada às práticas de vivência que seria difícil abalá-la.

Se, por um lado, a *desolação* é incorporada ao dado estrutural do romance, ou seja, caracterizando o espaço em que os personagens vivem e tornando-o um elemento propício ao desenrolar do amor impossível e desafortunado de Heathcliff e Catherine, por outro, esse elemento pode ser, em um nível alegórico, o retrato ficcional de um estado de coisas de que se deve tomar consciência. Ele é mais um elemento através do qual pode-se refletir sobre a natureza do sistema social e a ação desse sistema sobre os indivíduos, sugerindo os limites de abrangência do poder.

Escrito no início de uma época dominada pela razão, pelo decoro e pelo senso da moral e do dever, em que se enfatiza o homem como ser civilizado cujas emoções e instintos devem ser controlados por um sistema arbitrário de convenções, **O Morro dos Ventos Uivantes** apresenta seus personagens em um espaço afastado do meio social urbano. Tem-se, na verdade, uma maior aproximação dos elementos da natureza, que permite aos personagens libertar, por vezes, as emoções de maneira menos formal e mais instintiva, mostrando o lado mais primitivo do ser humano.

Por outro lado, nem mesmo essa proximidade da natureza torna-os imunes às injustiças dos mecanismos sociais que regem as relações humanas. No livro de Brontë, a estrutura familiar é representada como um meio de atuação da ideologia. A contestação às injustiças sociais e às relações de poder é fortemente marcada em **O Morro dos Ventos Uivantes**. Essa obra enfoca a relação entre servos e senhores em um espaço rural e uma situação que remete ao caráter desumano subjacente a alguns valores da tradição aristocrática: o casamento por interesse que perpassa a formação familiar e a autoridade ilimitada do senhor sobre os servos.

## 2 A Prática opressora de Hindley sobre Heathcliff

Com a morte de Mr. Earnshaw, Hindley assume o lugar do pai. Dotado de um caráter autoritário e valendo-se dos direitos que a condição de senhor (master) lhe confere, Hindley intensifica seus maltratos a Heathcliff, rebaixando-o à condição de servo e proibindo-lhe de sentar-se à mesa com a família. As convenções



permitted aos senhores tomar atitudes de brutalidade e desrespeito com relação aos servos. A diferença de classe permitia-lhes desconsiderar o ser humano que havia nestes últimos. Neste sentido, cabe lembrar um fragmento da obra de Theodor Adorno (1996: 40) segundo o qual “As pessoas manipulam a tal ponto o conceito de liberdade que ele acabou por se reduzir ao direito dos mais fortes e dos mais ricos de tirarem dos mais fracos e mais pobres o que estes ainda têm”.

No romance, essa idéia de direito ilimitado por parte dos senhores pode ser inferida a partir da seguinte passagem: “[Hindley] afastou [Heathcliff] de sua companhia para colocá-lo junto aos criados, privou-o das lições no curato e fez questão de que ele, em vez de estudar, fosse trabalhar fora de casa, e fê-lo trabalhar tão pesadamente quanto qualquer outro dos trabalhadores da fazenda”<sup>1</sup> (Brontë, s.d., p. 46-47). O ato de privar Heathcliff da instrução pode ser interpretado como um fator empregado para manter a distância de classe existente entre eles: a educação e o requinte eram privilégios da nobreza; sem eles o protagonista se aproximaria mais da condição de vassalo. Conforme Pêcheux (1946, p. 146), “a sociedade existe como um espaço de luta ideológica de classe”. Isso não se aplica apenas às relações de produção. No referido romance, aplica-se em relação à formação social, o que diz respeito a um processo no qual a ascensão é concebida como sendo impossível. Embora o protagonista não seja um ignorante, Hindley assim o rotula. Baseado nisso, o aristocrata justifica seus atos manipulando uma argumentação tecida por juízos acerca dos modos e do comportamento do outro. Tais argumentos não condizem com o que se pode observar a partir da voz narrativa:

Os dois se encontraram, o patrão irritado ao vê-lo limpo e alegre, ou, talvez desejoso de manter sua promessa à Sr<sup>a</sup> empurrou-o com um gesto brusco e ordenou, furioso, a Joseph, para “conservar este sujeito for a da sala, mandar ele para o sótão até depois do jantar. Ele vai meter mão nas tortas e furtar as frutas, se ficar sozinho com elas um minuto”<sup>2</sup> (Brontë, s.d., p. 57).

Através da voz da narradora, pode-se inferir que a raiva e atitude de Hindley não comportam uma razão maior, senão uma questão de ordem pessoal manifestada pelo personagem.

Além disso, a própria narradora toma a defesa de Heathcliff, fundamentando-se no conhecimento da sua conduta: “– Não, senhor – não pude deixar de retrucar – ele não toca em coisa alguma. É incapaz. E acho que ele deve ter sua parte nas iguarias, assim como nós temos”<sup>3</sup> (Idem: Ibidem).

Outro aspecto a ser considerado na obra é o desejo de deslegitimar as práticas sociais do segmento dominado pela classe dominante, veiculado no discurso de Hindley, que “jura que o [Heathcliff] colocará em seu devido lugar”<sup>4</sup> (Idem: 26). Nesse caso, o personagem enuncia essa vontade como sendo uma verdade universal e absoluta, conferindo a esse *devido lugar* o estatuto de uma realidade incontestável. Entretanto, o fato de que essas palavras pertencem ao enunciado de um personagem, reduz seu efeito à ordem da perspectiva individual, e, portanto, contestável. Além do caráter de contestabilidade, Emily Brontë apresenta no livro o caráter de injustiça inerente às atitudes do herdeiro Earnshaw, através da metáfora empregada por Catherine em uma carta: “não ficaríamos mais molhados e mais frios na chuva do que ali”<sup>5</sup> (Idem, p. 26).

Heathcliff obstina-se, então, em planejar sua vingança. O amor, o ódio, e o desejo de vingança são as três forças que movem o herói em seu percurso. A primeira o leva a superar uma ordem social opressora; as duas últimas, a sucumbir à ideologia e a vingar-se, ou seja, no plano da interpretação, a reproduzir essa ordem: “– Estou imaginando como pegarei Hindley. Não me importo de esperar muito tempo, desde que consiga, afinal. Espero que ele não morra antes disso!”<sup>6</sup> (Idem, p. 59-60).

### 3 A renúncia de Catherine ao amor de Heathcliff

Movida por forças advindas dos mecanismos sociais, Catherine renuncia ao amor de Heathcliff e casa-se, por interesse, com Edgar Linton que possui título de nobreza, dinheiro, educação e costumes refinados. Na verdade, essa seria a atitude esperada de uma moça que pertencesse a uma família tradicional. O casamento era fundado no objetivo de manter ou aumentar a nobreza e os bens de uma família. As convenções sociais agem sobre Catherine de maneira que, inconscientemente, o personagem



feminino as aceita como legítimas. Tal aceitação leva a introjetar o fenômeno ideológico.

Os argumentos que Catherine emite na tentativa de justificar seu casamento com Linton são infundados. Sabendo que dificilmente seria feliz com Linton, ela diz ter tomado tal decisão com o intuito de ajudar Heathcliff: “Nelly, compreendo agora que você pensa que sou uma egoísta desalmada, mas já imaginou que, se eu e Heathcliff nos casássemos, seríamos mendigos? Por outro lado, se eu me casar com Linton, posso ajudar Heathcliff a elevar-se e colocá-lo fora do poder do meu irmão.”<sup>7</sup> (Brontë, s.d., p. 78). A não consciência de Catherine com relação à manifestação de formas de poder embricadas nas relações humanas faz com que ela caia na armadilha da ideologia: tomar uma atitude sem questionar suas conseqüências, aceitando como verdade aquilo que Slavoj Žižek define como uma distorção do discernimento racional em função de um interesse patológico externo (1996, p. 23).

Segundo o autor, “embora a ideologia já esteja em ação em tudo que vivenciamos como ‘realidade’, devemos [...] sustentar a tensão que mantém viva a crítica à ideologia.” (Žižek, 1996, p. 22). Manter essa posição de crítica à ideologia depende de que se assuma um lugar que permita manter distância em relação a ela. Assumir esse lugar exige o entendimento de que a ideologia, por um lado, “representa a distorção da argumentação e do discernimento racionais em virtude do peso dos interesses ‘patológicos’ de poder, [da] exploração”; por outro lado, “a ideologia reside na própria noção de um pensamento que não seja permeado por alguma estratégia de poder não transparente, de uma argumentação que não dependa de recursos retóricos não transparentes.” (Žižek, 1996, p. 23).

Essa posição de crítica à ideologia pode ser percebida através da resposta dada pela narradora, a governanta Ellen Dean, à Catherine:

– Com o dinheiro do seu marido, miss Catherine? [...] Vai ver que ele não é tão dócil quanto pensa, e, embora não possa julgar bem, creio que esse é o pior motivo que apresentou para o fato de ir-se tornar esposa do jovem Linton. [...] Se é que consigo compreender alguma coisa em todas as suas insensatezes, senhorita, [...] é somente para me convencer de sua ignorância no que diz respeito aos deveres que assumirá ao casar-se<sup>8</sup> (Brontë, s.d., p. 78-79)

Demonstrando estar consciente a respeito da situação, a narradora questiona as convicções de Catherine. Isso pode ser um indício da consciência da própria autora sobre a situação social de sua época. Deste modo, a escolha do narrador autodiegético e sua função como personagem permitem a esse narrador transitar por entre os demais personagens e considerar a globalidade dos fatores que os levam a determinado comportamento. Sua atenção à ordem social vigente (e isso envolve o contexto familiar) permite à narradora avaliar o funcionamento das manifestações de poder e das relações humanas representadas na narrativa.

O estado de alienação de Catherine também remete às condições de submissão feminina inerentes à maioria das formações sociais. As atitudes e o modo de pensar desse personagem revelam a estreiteza de ponto de vista a que a mulher acaba por submeter-se devido ao papel e à representação de si própria que a dominação masculina a força a aceitar. Esse processo em que “as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produtos da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica” (Bourdieu, 1999, p. 45) é definido como a violência simbólica (Idem. Ibidem) que a mulher sofre. Conforme o autor, a violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado concede à dominação por não dispor de instrumentos de conhecimento para pensá-la (e para pensar a sua relação com o dominante) que não sejam a forma incorporada da relação de dominação, e por isso fazem-na ser vista como natural (Idem, p. 47).

A infelicidade de Catherine é sinal de sua adesão à cultura dominante. Arraigada aos valores da nobreza, ela sacrifica o amor que sente por Heathcliff em nome de um convencionalismo do qual, muito embora ela não entenda a lógica que o rege, percebe a falta de sentido. que esse elemento causa a sua vida. Catherine sente a dor dessa escolha e, infeliz, define até a morte. A morte, aqui, parece afigurar-se tanto como evasão, aspecto que situa o texto de Brontë nos domínios do romantismo, quanto como aniquilamento em face da submissão ao poder.



#### 4 A ascensão e a vingança de Heathcliff: superação e reprodução das convenções sociais

Ao saber do casamento de Catherine, Heathcliff foge em uma noite de chuva. O herói vai em busca de fortuna e de um título de nobreza que o impedira de casar com Catherine. Ao final de três anos, ele retorna rico e reivindica o amor da mulher amada. Porém, já casada, ela o recusa. No romance, o elemento que justifica a ascensão social de Heathcliff e confere coerência ao enredo é a configuração desse personagem como um “self-made man”. Por conhecer que sua classe social impossibilitava a realização de sua felicidade, o protagonista vai em busca dessa condição. O fato de ter feito fortuna simboliza, de certo modo, uma superação daquelas convenções sociais calcadas em sistemas fechados e absolutos, nos quais o homem está submetido ao seu destino: Heathcliff mostra que o homem pode transformar a história. Isso pode ser relacionado com um pressuposto desenvolvido por Pêcheux (1996, p. 146), segundo o qual

A objetividade material da instância ideológica se caracteriza pela estrutura de desigualdade-subordinação de ‘todo complexo que está no domínio’ das formações ideológicas de uma dada formação social, uma estrutura que expressa a contradição reprodução/transformação que constitui a luta de classes.

Neste interim, as convenções foram mais fortes do que Heathcliff, tirando-lhe Catherine. Em uma primeira instância, ela conserva os costumes da aristocracia; numa segunda, respeita as diretrizes do casamento, mas a ausência de felicidade leva-a à morte. Heathcliff perde então tudo que poderia dar um sentido positivo a sua vida. Seu desespero pode ser apreendido na seguinte passagem:

– Que ela desperte atormentada! – Gritou Heathcliff com terrível veemência, batendo o pé e rugindo num súbito paroxismo de paixão ingovernável. [...] Você disse que não se importa com meus sofrimentos! E eu rezo uma prece... repito-a até minha língua cansar-se... Catherine Earnshaw, que não descanses enquanto eu estiver vivo! Disseste que te matei... vem perseguir-me, então! O assassino persegue seu assassino, creio eu. Sei que fantasmas têm andado na terra. Sé sempre comigo... toma qualquer forma... empurra-me à loucura! Mas não me deixes

neste abismo, onde não posso encontrar-te!<sup>9</sup>  
(Brontë, s.d., p. 154)

Frustrado em suas expectativas, o herói passa então a reproduzir as relações de poder, intensificando seu desejo de vingar-se de Hindley. Ele assume as dívidas de jogo deste último e, em troca, torna-se proprietário de Morro dos Ventos Uivantes. A estrutura em quiasmo representa uma inversão de papéis: enquanto o protagonista assume a posição de senhor, o outro é rebaixado à condição de servo, na qual o protagonista manifesta seu sofrimento em reação a um comentário de Ellen Dean a respeito da morte de Catherine.

O extremo dessa vingança recai sobre Hareton, o filho de Hindley e herdeiro legítimo de Earnshaw. O rapaz é posto para trabalhar em serviços forçados, é mantido em completa ignorância, privado da educação a que deveria ter direito. É possível afirmar que o personagem sofre um processo de bestificação, que pode ser constatado pela falta de instrução, pelo distanciamento em relação às regras de etiqueta, pelos trejeitos, pela dificuldade de entendimento e pela linguagem rudimentar que o caracterizam. Esses elementos são comprovados a partir de uma passagem em que os três personagens correspondentes à terceira geração apresentada no romance (Hareton Earnshaw, filho de Hindley; Catherine Linton, filha de Catherine e Edgar Linton; e Linton Heathcliff, filho de Heathcliff) encontram-se defronte à porta do casarão em Morro dos ventos uivantes. No referido segmento, Catherine pergunta a Hareton o que significa a inscrição “Hareton Earnshaw” gravada no arco acima da porta. Incapaz de ler sequer o próprio nome, o jovem afirma ser aquela uma “inscrição maldita”. Associada à dificuldade intelectual e aos modos como o moço se apresenta, essa ignorância evidencia o grau de estupidez e de insociabilidade a que fora submetido:

Ouvi Cathy perguntando a seu insociável companheiro que inscrição era aquela em cima da porta. Hareton levantou os olhos e coçou a cabeça, como um verdadeiro rústico.

– Está escrito. – É uma maldita inscrição – respondeu. – Não posso ler. [...]

– Ele é como deveria ser? – perguntou miss Cathy, muito séria. – Ou não é normal? Perguntei-lhe duas vezes e, de ambas as vezes ele me pareceu tão estúpido que acho que



não me compreende. Eu não consigo compreendê-lo, palavra!<sup>10</sup> (Brontë, s.d., p. 199-200).

Heathcliff anula as possibilidades e os potenciais de Hareton. Neste sentido, a representação das relações de poder se dá na medida em que o protagonista exerce sobre o filho de Hindley toda a opressão que sofrera. Assumindo uma postura autoritária, Heathcliff procura arrancar do garoto todas as suas qualidades morais, visto não poder atingir as suas qualidades físicas. Constata-se uma repetição da mesma história, ou indo mais longe, a reduplicação de uma identidade: Heathcliff vê sua história se repetir na vida de Hareton, identificando-se e vendo suas características refletidas nele: ambos possuem a mesma força física e de caráter e são vítimas da mesma opressão.

Entretanto, Heathcliff tem consciência do quanto o oprime, afirmando seu sucesso em reduzi-lo ao estado de brutalidade. O herói demonstra ainda saber do sofrimento do rapaz, porque sua história é repleta de situações semelhantes:

– Amarrei a lingual dele – observou Heathcliff.  
 – Não vai arriscar-se a dizer uma palavra, durante o tempo todo. Você se lembra de mim nessa idade... [...] Será que eu parecia tão estúpido assim? [...] – Estou satisfeito com ele – continuou Heathcliff refletindo em voz alta. – Correspondeu às minhas expectativas. Se fosse bobo de nascença, minha satisfação não seria nem metade do que é. Mas ele não é tolo, e posso compreender todos os seus sentimentos porque eu próprio os experimentei. Agora, Por exemplo, sei exatamente, o que ele está sofrendo: é, contudo, apenas o começo do que irá sofrer. E ele jamais poderá emergir da profundidade de sua grosseria e ignorância. Apanhei mais depressa e levei-o mais baixo do que o salafrário do pai dele me levou, pis ele sente orgulho de sua brutalidade. Ensinei-lhe a escarnecer de tudo que não seja animal, como tolice e fraqueza. Não acha que Hindley teria orgulho de seu filho, se pudesse vê-lo? [...] Quase tanto orgulho quanto tenho do meu.<sup>11</sup> (Brontë, s.d., p. 198-199).

Tanto o herói tem consciência da opressão que exerce que, em certo momento, com um quê de compaixão ou mesmo arrependimento, admite que amaria Hareton se ele não fosse quem é: filho de seu inimigo. A partir do tom da fala de Heathcliff, percebe-se que no fundo ele

admira o garoto e deseja não atingi-lo, mas a seu pai. Nesse momento, percebe-se que o protagonista, demonstrando uma sensibilidade que o humaniza, novamente deseja não fazer o que faz: “Se [Linton] tivesse sido Hareton! Sabe que, vinte vezes por dia, tenho inveja de Hareton, com toda a sua degradação? Gostaria de que o menino tivesse sido diferente.”<sup>12</sup> (Idem, p. 197).

Em **O Morro dos Ventos Uivantes**, o motivo da vingança também é realizado em um plano metafórico. Neste sentido, pode-se aludir à passagem em que Heathcliff deseja possuir Morro dos Ventos Uivantes e Granja da Cruz dos Tordos para carregá-las consigo ao inferno. O herói não se importa com as riquezas que as fazendas lhe podem proporcionar. Elas representam para ele um valor simbólico: incorporam os valores em nome dos quais ele fora oprimido. Tornar-se dono de Wuthering Heights e Thrushcross Grange significa tornar-se imune a uma ordem social opressora; o desejo de carregá-las para o inferno pode ser interpretado como uma vontade de extinguir os valores que a sustentam, valores estes que, em nível de trama, permitiram que Hindley exercesse seu poder e autoritarismo; e que Edgar Linton desposasse a amada do protagonista.

## CONCLUSÃO

Com base nas considerações anteriores, pode-se constatar que **O Morro dos Ventos Uivantes**, em sua composição ficcional, envolve um complexo de fatores que remete ao conjunto das convenções sociais, sendo estas pautadas na ideologia e nas relações de poder. Em nível de trama, as ações e o comportamento dos personagens são regidos por esses elementos. As convenções atuam de tal forma que cabe ao senhor aristocrata uma série de privilégios e o poder; à mulher aristocrata e aos servos, cabe a submissão. É nesse universo que o herói, Heathcliff, imbuído de amor e ódio, luta para fazer fortuna, ascender socialmente, casar-se com Catherine e vingar-se de seu opressor, Hindley, e do seu rival, Edgar Linton. Neste sentido, o protagonista, por um lado, supera a força das convenções sociais, e, por outro, reproduz o mesmo estado de coisas contra o qual se insurgira. O romance torna-se, assim, um espaço de denúncia e dessacralização dos mecanismos ideológicos a que o ser humano está submetido por conta das relações em sociedade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADORNO, Theodor W. *Mensagem numa garrafa*. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d..
- BRONTË, Emily. **Wuthering Heights**. New York: Pocket Book, 1940.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo. T.A. Queiroz, 2000.
- PECHEUX, Michel. *O mecanismo do (des)conhecimento ideológico*. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- TRIVERSI, Derek. *The Brontë sisters and Wuthering Heights*. In: Ford, Boris. **The Pelican Guide to English Literature. From Dickens to Hardy**. Harmondsworth: Penguin Book, 1973. vol. 6.
- ZIZEK, Slavoj. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

## NOTAS

© Trabalho desenvolvido pelo estudante do 8º semestre do Curso de Letras da UFSM, no Projeto *Representações Culturais nas Manifestações Literárias*, orientado pela Profa Dr. Vera Lucia Lenz Vianna, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas.

<sup>1</sup> “[Hindley] drove [Heathcliff] from their company to the servants, deprived him of the instructions of the curate, and insisted that he should labour out of doors instead; compelling him to do so as hard as any other hand on the farm” (Brontë, 1940: 47).

<sup>2</sup> they met, and the master, irritated at seeing him clean and cheerful; or, perhaps, eager to keep his promise to Mrs. Linton, shoved him back with a sudden thrust, and angrily bade Joseph: ‘Keep the fellow out of the room – send him into the garret till dinner is over. He’ll be cramming his fingers in the tart and stealing the fruit if left alone with them a minute’ (Brontë, 1940: 60).

<sup>3</sup> “‘Nay, sir’, I could not avoid answering ‘he will touch anything, not he: and I suppose he must have his share of the dainties as well as we’” (Idem: Ibidem).

<sup>4</sup> “promised to reduce Heathcliff to his right place” (Idem: 22).

<sup>5</sup> “‘We cannot be damper or colder in the rain than we are here’” (Idem: 22).

<sup>6</sup> “I am trying to settle how I shall pay Hindley back. I don’t care how long I wait, if I can only do it last. I hope he will not die before I do!” (Idem: 63).

<sup>7</sup> “Nelly, I see now, you think me a selfish wretch; but did it never strike you that if Heathcliff and I married, we should

be beggars? Whereas, if I marry Linton, I can aid Heathcliff to rise, and place him out of my brother’s power.” (Brontë, 1940: 86).

<sup>8</sup> With your husband’s money, Miss Catherine? [...] You’ll find him not so pliable as you calculate upon: and, though I’m hardly a judge, I think that’s the worst motive you’ve given yet for being the wife of young Linton. [...] If I can make any sense of your nonsense, Miss [...] it only goes to convince me that you are ignorant of duties you undertake in marrying (Brontë, 1940: 86-87)

<sup>9</sup> ‘May she wake in torment!’ He cried with frightful vehemence, stamping his foot, and gorming in a sudden paroxysm of ungovernable passion. [...] ‘Oh, you said you cared nothing for my sufferings! And I prayed one prayer – I repeat it till my tongue stiffens – Catherine Earnshaw, may you not rest as long as I am living! You said I killed you – haunt me, then! The murdered do haunt their murderers, I believe. I know that ghosts have wandered on earth. Be with me always – take any form – drive me mad! Only do not leave me in this abyss, where I cannot find you! (Brontë, 1940: 180)

<sup>10</sup> I heard Cathy inquiring of her unsociable attendant what was that inscription over the door? Hareton stared up, and scratched his head like a true clown.

‘It is a damnable writing’, he answered. ‘I cannot read it.’ [...] Is he all as he should be?’ asked Miss Cathy seriously; ‘or is he simple not right? I’ve questioned him twice now, and each time he looked so stupid I think he does not understand me. I can hardly understand him, I’m sure’. (Brontë, 1940: 234 – 237).

<sup>11</sup> ‘I’ve tied his tongue’, observed Heathcliff. ‘He’ll not venture a single syllable, at the time” Nelly, you recollect me at this age [...] Did I ever look so stupid? [...] I’ve a pleasure in him, he continued reflecting aloud. “He has satisfied my expectations. If he were a born fool I should oi it half so much. But he is not fool; and I can sympathise with all his feelings, having felt them myself. I know what he suffers now, for instance exactly: it is merely a beginning of what he shall suffer, though. And he will never be able to emerge from his bathos of coarseness and ignorance. I’ve got him faster than his scoundrel of a father secured me, and lower; for he takes a pride in his brutishness. I’ve taught him to scorn everything extra-animal as lilly and weak. Don’t you think Hindley would be proud of his son, if he could see him? Almost as proud as I am of mine. (Brontë, 1940: 235).

<sup>12</sup> “Now if it [Linton] had been Hareton! – Do you know that, twenty times a day, I covet Hareton, with all his degradation? I’d have love the lad had he been someone else” (Idem: 233).